

EDITORIAL

Desconfinamento

Gato que brincas na rua
Como se fosse na cama,
Invejo a sorte que é tua
Porque nem sorte se chama.

Fernando Pessoa (1931)

É um regresso à rua, à casa dos outros, ao encontro com os vizinhos e amigos. Apesar da falta do abraço a somar à ausência do sorriso, escondido por detrás da máscara, fica o encantamento da dormência da saudade, que vamos matando aqui e ali.

Todo o cuidado é pouco, mas é com alegria que vamos abrindo espaço ao convívio e às iniciativas culturais que tanta falta fazem à nossa aldeia.

Esta edição de “O Lobo” tem o carimbo do regresso, primeiro através da projeção de um filme, depois ao som de dois concertos, tudo a acontecer no Pátio da FLL, onde as normas da DGS são regra e o bem receber da FLL são norma. É uma sorte, que nem sorte se chama, termos amigos assim.

São boas notícias!

Rui Fonte

FUNDAÇÃO LAPA DO LOBO

CONCERTO AO AR LIVRE

HOMEM AO MAR

SÁB, 25 JUL 2020 | 21H30

Pátio da Fundação Lapa do Lobo

ENTRADA LIVRE
com reserva prévia de lugares
sujeita à lotação do espaço

CONCERTO HOMEM AO MAR

É a terceira proposta da FLL do mês de julho. Um concerto ao ar livre de música folk.

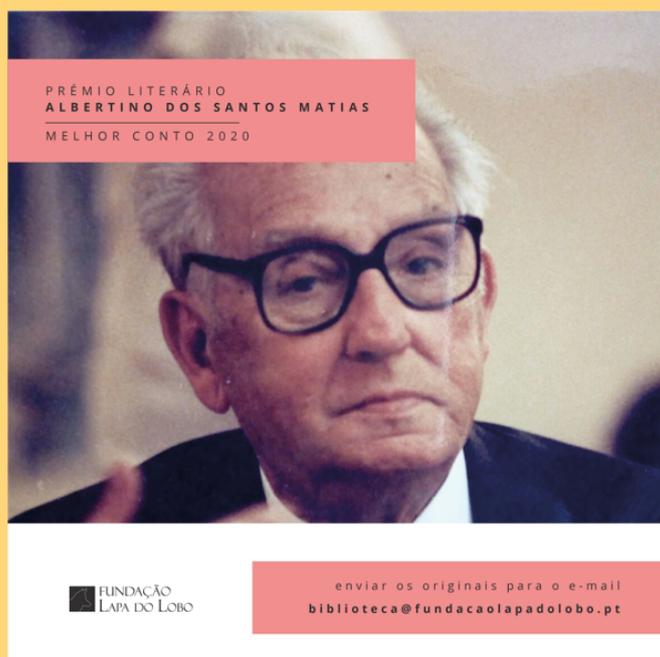
Homem ao Mar é o nome da banda de João M. Pinto e Mário Moreira. Os dois amigos conheceram-se em Vila Real e a paixão pela música deu origem ao projeto, há cerca de dez anos. Em janeiro de 2019, lançaram o disco "Os Dois E.P.'S", para dar maior visibilidade às músicas já feitas. Assista ao concerto no Pátio da FLL, na noite de sábado, 25 de julho.

#FLL EM CASA ATÉ AO FINAL DE JULHO

As propostas concebidas pela Fundação Lapa do Lobo divulgadas através das Redes Sociais, designadamente Facebook, Instagram, YouTube e o próprio site da Fundação Lapa do Lobo (em <https://www.fundacaolapadolobo.pt>), criadas durante a fase de confinamento, irão manter-se até ao final de julho deste ano. Pode continuar a usufruir das nossas sugestões culturais, de 3ª feira a 6ª feira, entre testemunhos, desafios, iniciativas, conversas e vídeos sobre as mais diferentes temáticas culturais.

PRÉMIO LITERÁRIO ALBERTINO DOS SANTOS MATIAS

ANÁLISE DOS ORIGINAIS RECEBIDOS



Terminou em finais de junho a fase de receção de originais candidatos à 2ª edição do Prémio Literário Albertino dos Santos Matias. É com entusiasmo que informamos que se ultrapassou a centena de participantes. Agora, é a vez dos jurados analisarem os proponentes a melhor conto 2020.

O júri é composto por Carla Marques (colaboradora do Ciberdúvidas), Marta Cunha e Coelho (neta de Albertino dos Santos Matias), Rita Canas Mendes (escritora e tradutora), Carlos Torres (Presidente da Administração da FLL) e Rui Fonte (Coordenador da Biblioteca da FLL). A decisão do júri é conhecida até 7 de setembro de 2020.

CINEMA AO AR LIVRE

“BICHOS 2”



Foi com imenso prazer e saudade que a Fundação Lapa do Lobo abriu as portas do seu pátio para a primeira iniciativa depois do confinamento imposto, mas necessário, pela DGS, desde março. Numa parceria com o Cineclube de Viseu, seguindo todas as normas da DGS, a noite de 27 de junho encheu-se de calor e brilho, com a projeção ao ar livre do filme “Bichos 2”. Uma sessão para toda a família, que contou com casa cheia, dentro das limitações, claro. Um regresso aos eventos presenciais em grande.

SENZA

EM CONCERTO

O pátio da Fundação Lapa do Lobo recebeu no passado dia 04 de julho um concerto com os Senza, naquele que foi o primeiro momento musical programado pela FLL após o confinamento. “Os sons quentes da banda das viagens” foi o mote perfeito para cerca de uma hora de concerto numa noite também ela muito quente, onde foram interpretados temas originais, escritos e musicados pela Catarina e pelo Nuno e que retratam histórias das viagens feitas pelo Sudoeste Asiático.



PRÉMIO LITERÁRIO ALBERTINO DOS SANTOS MATIAS

VENCEDOR DO MELHOR CONTO 2018

Tal como na edição anterior, apresentamos mais um excerto do conto vencedor da 1ª edição do Prémio Literário Albertino dos Santos Matias. É da autoria de Catarina Almeida.

“Procura-se”

Entra no gabinete um enfermeiro empurrando pesadamente uma cadeira de rodas onde se reclina, repousando, uma idosa paciente. Cumprimenta o médico e a enfermeira com um ligeiro aceno de cabeça, preenche rapidamente a documentação que traz numa prancheta de madeira e retira-se, fechando a grande porta branca do gabinete com um baque surdo.

A senhora Amélia ajeita sobre a mesa central a frágil senhora, dispõe-lhe os pés lado a lado, ajeita-lhe a camisa de dormir. Debruça-se sobre o corpo da paciente um grande aparelho mecânico. A enfermeira, lesta e profissional, acomoda-lhe sobre a cabeça o gigante metálico, ajustando o mecanismo.

- Quando quiser, senhor Doutor.

Junto à janela que dá para o grande pátio, o médico acena. Pacientes e enfermeiros gozam do sol à hora matutina. A senhora Amélia acciona o dispositivo, que emite um zumbido metálico.

- Minha senhora – pergunta a enfermeira -, sabe dizer-me que dia é hoje?

Sobre o pescoço da paciente cai veloz e mortífera a pesada guilhotina, separando-lhe o corpo. Os olhos, brilhantes e atarantados, movem-se freneticamente e a boca abre e fecha como um peixe fora de água.

- 7 segundos, Doutor – informa Amélia enquanto vai limpando, com um lençinho branco, bordado, as gotículas de sangue que lhe macularam a face.

Exterior. Rua das Flores, dia.

Num cenário digno das obras de Allan Poe, um bando de pássaros voa em círculos, rasando os telhados escuros. À medida que o céu se vai pesando de nuvens, grossas gotas de chuva começam a cair. Há uma grande algazarra à porta do número 26. Amontoam-se as pessoas nas varandas e no passeio ladrilhado, até os empregados da loja de bombons se encavalitam à porta, esquecendo as encomendas. Sobre a ambulância, as luzes azuis vão rodando, lentas e sinistras. Aproxima-se a nossa protagonista da vizinha da frente, que a esta hora tem já os cabelos negros em grandes rolos que lhe adornam a cabeça.

- É uma desgraça! É uma tragédia! – vai dizendo a senhora, sem a emoção adequada a tal situação, enquanto os dedos roliços se vão enrolando no fio que traz ao volumoso peito.

Ao lado, um velho homem observa a cena, apático, segurando nos braços um cãozinho que, dos que compõem a cena, parece ser o que mais treme. Logo adiante, outra senhora, seca e severa, de braços cruzados sobre o peito ossudo, vai afirmando, para os que a querem ouvir e sem qualquer sentimento na voz:

- Aquilo também era uma pouca vergonha...

Poderá portanto o leitor imaginar esta cena na rua onde habita, deparar-se com estas personagens quando, ao final da tarde, desce à rua para comprar o pão, que afinal, não chega para o jantar. Ao abrir a porta de casa e pousar o pé sobre a calçada, sentirá debaixo do mesmo os cacós dos vasos de barro, a terra negra e as rubras sardinheiras desfeitas que a Dona Joaquina arrastou consigo quando se atirou do 5º andar. E, se pousar o olhar mais adiante, verá apenas os pés da senhora, agora exangue de vida, debaixo do imaculado lençol branco. Um traz calçado ainda um sapatinho, desses clássicos, mas intemporais, de verniz. O outro, descalço, deixa presumir que a pobre senhora sofria dos joanetes. Uma desgraça, eram uns sapatos bem bonitos. E o pão, eram três ou quatro carcaças, afinal?

A chuva, agora mais forte, vai dispersando alguns mirones que observam a cena de olhos mortíços. Amélia estacou à porta, na mão direita a chave pronta, em riste. De olhos postos na cena ocorre-lhe, pela primeira vez, se tal morte traria algum desalento a alguém. Se haveria quem sentisse falta da Dona Joaquina e do matraquear dos seus sapatos, se alguém voltaria a plantar as sardinheiras, se alguém voltaria a comprar os bombons de chocolate branco que eram os seus preferidos. Pobre e inútil pensamento. O carteiro, que também havia assistido à cena empoleirado na sua bicicleta, entrega-lhe dois pequenos volumes que traz na mala a tiracolo. Uma revista de cosméticos, anunciando na capa uma nova fórmula do batom que a nossa protagonista usa, agora a apenas 9,99. E uma carta. Fazendo chiar os pneus da pasteleira Vilar sob o passeio molhado, afasta-se o carteiro, não sem antes olhar uma última vez a tentadora loja de chocolates.

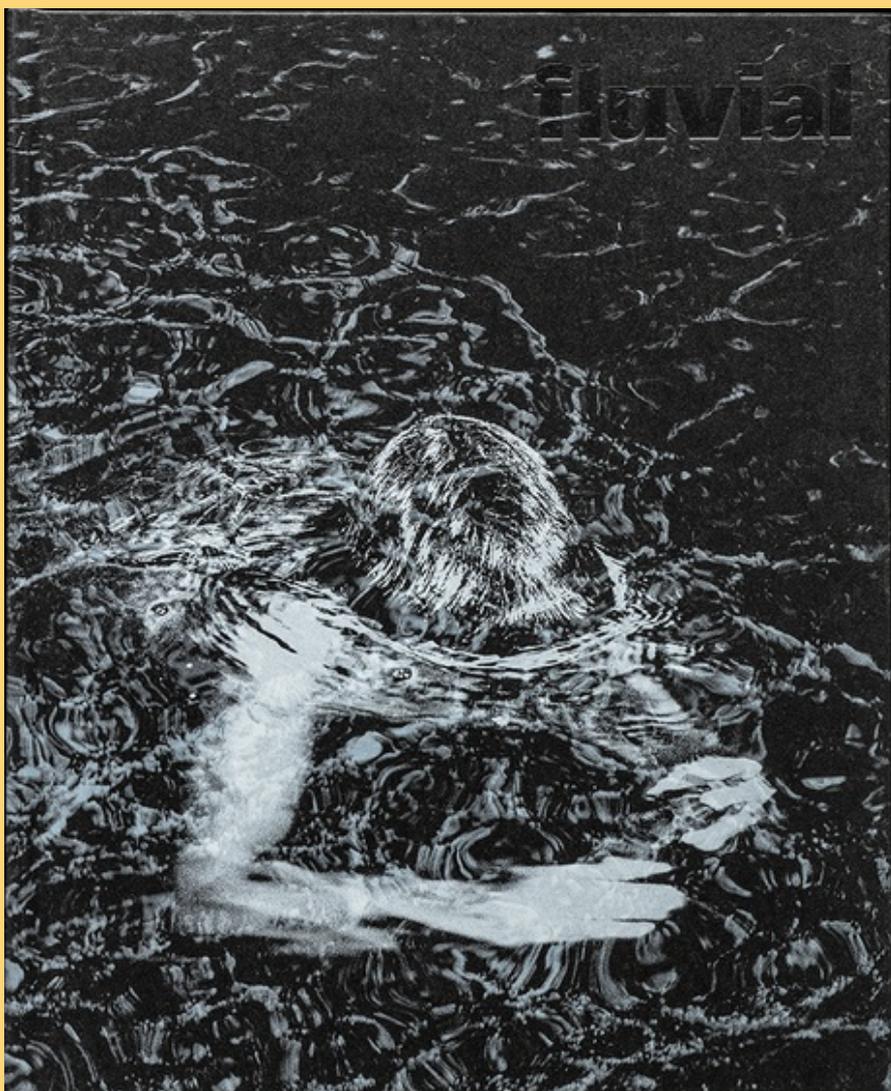
(...)

Pode requisitar ou adquirir o livro “Prémio Albertino dos Santos Matias: melhor conto 2018” na Biblioteca da Fundação Lapa do Lobo.

10 anos sempre consigo... agora também #emcasa



SUGESTÃO DE LEITURA



FLUVIAL

de Tito Mouraz

Texto: Humberto Brito
Design: Sérgio Couto

Edição ou reimpressão: 2019
Editor: Dewi Lewis Publishing
Idioma: Português/ Inglês
Dimensões: 31 cm x 25 cm
Encadernação: Capa dura
Páginas: 120

SINOPSE:

“O fotógrafo português Tito Mouraz (Canas de Senhorim, 1977) começou o projeto “Fluvial” há cerca de oito anos e foi essa febre mansa que encontrou em várias praias de rio da região da Beira Alta, uma utopia inorgânica que se realiza sobre uma paisagem irregular e misteriosa que abriga um tempo que em vez de correr se limita a escorrer sobre ela”.

Celso Martins
“A Revista do Expresso”, ed. 08/2019